

ca do todo e da parte que, por sua vez, supõe a sua Teoria da Relação. Vemo-lo, por exemplo, dizer isto no *Tratado da Criação*:

“(...) Agora, quando o movimento é removido da ação e da paixão, somente a relação permanece”. (28)

Numa palavra: encontram-se presentes, no pensamento de S. Tomás, todos os elementos que fundamentam a moderna Praxeologia, no sentido de Kotarbinski.

Mas este é outro assunto (igualmente merecedor de um estudo demorado). Bastem estas palavras de arremate: quando a moderna Teoria da Ciência começa a descobrir que não tem sentido fazer-se uma Epistemologia divorciada da Praxeologia, ou vice-versa, uma Praxeologia alheia à Epistemologia, ao meditarmos sobre a primazia que S. Tomás de Aquino deu, em seu extraordinário sistema filosófico, à Teoria da Relação e à Teoria da Ação, não podemos senão concluir que permanece vivo e bem vivo o seu pensamento, e que, realmente, a tarefa da Escola ainda não terminou de todo...

(28) — S. Tomás de Aquino, ob. cit., Q. 45, A. 3.

## Comércio internacional e organização espacial da produção do açúcar no Brasil

MANUEL CORREIA DE ANDRADE

*A posição do Brasil no mercado internacional de açúcar. Açúcar de cana e açúcar de beterraba*

1. O açúcar é um dos produtos agroindustriais de maior importância no comércio internacional, ao lado do café, do cacau e do trigo, ao contrário do que ocorre com a mandioca, o feijão e o milho, cuja produção é sempre destinada ao mercado interno. Na verdade, existem produtos agrícolas cujas culturas cobrem milhares de hectares mas cuja produção ou é comercializada e consumida na própria área de produção ou se destina ao consumo do próprio produtor, como acontece no Brasil com a mandioca e com o feijão em que nos colocamos como o maior produtor mundial, mas que não têm expressão em nossa balança comercial. É que a cultura desses produtos é feita geralmente por pequenos proprietários para o autoconsumo ou para comercialização na própria área de produção. Outros produtos, ao contrário, tiveram a sua cultura desenvolvida inicialmente pelos colonizadores e posteriormente pelos próprios habitantes do país, com a finalidade de atender à demanda do mercado internacional e por isto mesmo a sua expansão geográfica tem sido financiada por capitais estrangeiros muitas vezes interessados na comercialização da produção. Dentre esses produtos podemos salientar a cana-de-açúcar cuja cultura foi iniciada no século XVI, a do algodoeiro cuja expansão se procedeu no século XVIII com a chamada Revolução Industrial, a do fumo, também nesse século, em função da importação de escravos africanos, de vez que era o tabaco usado como moeda para aquisição de negros na costa africana e, mais recentemente, da agave e da soja, cuja área cultivada era, em 1972, superior à cultivada com produtos tradicionais como a cana-de-açúcar. Já os produtos cultivados nos roçados por pequenos proprietários ou

por agricultores sem terras, naquelas áreas refugadas pelos produtos destinados à exportação, destinam-se ao abastecimento do mercado interno e só pequena parte é comercializada.

2. O açúcar que pode ser extraído de vários vegetais como, entre outros, o bordo no Canadá, o sorgo nas regiões de clima semi-árido etc., é explorado com expressão econômica apenas quando é extraído da cana-de-açúcar e da beterraba açucareira. É um produto alimentício obtido tanto nas áreas tropicais de clima quente como nas temperadas. Daí o açúcar de beterraba concorrer com o açúcar de cana no mercado internacional.

A cultura da cana-de-açúcar e a fabricação do açúcar só obtiveram expressão comercial no início dos Tempos Modernos, com os grandes descobrimentos. A cana que foi trazida da Ásia Meridional pelos mercadores árabes, venezianos e genoveses para a região Mediterrânea e passou a ser cultivada nas ilhas situadas neste mar e na porção meridional das penínsulas Itálica e Ibérica. (1) Com os descobrimentos marítimos, os portugueses levaram a cana e desenvolveram a sua cultura nas ilhas do Atlântico (2) a fim de atenderem à demanda no mercado europeu, face a sua grande aceitação e à organização dos condutos de comercialização na Europa Ocidental, Meridional e Central.

Com o descobrimento do Brasil e a constatação de que os recursos a explorar eram poucos, trataram os portugueses de colonizar a terra iniciando aqui a cultura da cana-de-açúcar ainda nos primeiros anos do século XVI. Pernambuco, graças ao dinamismo de Duarte Coelho, (3), e a Bahia após o estabelecimento do Governo Geral, foram os dois primeiros centros produtores a ganhar importância. Com esta experiência se iniciava a aplicação do sistema de "plantation" nas terras tropi-

- (1) — Lippmann, Edmund O. von — *História do Açúcar*, Tomo II págs. 9 a 155. Edição do Instituto do Açúcar e do Alcool. Rio de Janeiro, 1942.  
 (2) — Azevedo, João Lúcio de — *Épocas de Portugal Econômico*, 2a. edição págs. 215-291. Livraria Clássica Editora. Lisboa, 1947.  
 (3) — Furtado, Celso — *Formação Econômica do Brasil*, 11a. edição, págs. 5 no ra 16. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1972.

cais, em que com o investimento de capitais e com a aquisição em larga escala de mão de obra escrava, mobilizavam-se terras virgens e quase despovoadas para contribuir para a produção de alimentos e de matérias primas para o mercado europeu em desenvolvimento.

No século XVIII, após o fracasso da tentativa holandesa de conquistar a área açucareira do Brasil, passou a cultura da cana a ser desenvolvida pelos batavos nas Antilhas e na Guiana, tornando-se essas áreas os grandes concorrentes do produto brasileiro em um mercado em grande parte controlado pelos holandeses. Tal fato, a perda dos condutos de comercialização, iria criar o primeiro período de crise, por sinal que muito prolongado, da agroindústria canavieira.

3. Levando-se em conta um período mais recente, observa-se que o açúcar tornou-se um dos produtos de grande importância no comércio internacional. Assim, a Tabela n.º 1 indica os principais produtores em 1972 e a evolução da produção dos mesmos no período posterior a 1939.

TABELA N.º 1

*Principais produtores de açúcar no período 1939-72*

Países produtores	Produção (1.000 ton/métricas)		
	1939	1955	1972
União Soviética	2.739	2.826	9.000
Brasil	1.140	2.118	6.350
Estados Unidos	2.156	2.367	5.803
Cuba	2.778	4.890	4.400
Rep. Popular da China	370	350	4.035
Índia	778	1.106	3.437
França	852	1.649	2.913
Austrália	847	1.283	2.801
México	375	829	2.510
Rep. Federal Alemã	1.920	1.262	2.265
Produção Mundial	27.520	36.842	74.290

FONTE: *Images Economiques du Monde* — 1973.

A análise dessa tabela nos leva a uma série de reflexões: primeiro, entre os dez maiores produtores mundiais existem países que cultivam apenas a cana-de-açúcar como o Brasil, Cuba, Índia e México, outros cultivam apenas a beterraba como a França e a República Federal da Alemanha e aqueles que possuindo em seu território áreas de clima temperado e áreas de clima quente, cultivam tanto a cana-de-açúcar como a beterraba.

Segundo, o crescimento da produção mundial de açúcar foi, nos últimos 43 anos, quase triplicado (a produção foi multiplicada por 2,7) mas o ritmo de crescimento entre os principais produtores foi muito diverso; o crescimento ocorrido na República Popular da China, por exemplo, foi superior a 10 vezes (10,9) nesse período, elevando-se de 350 mil toneladas em 1955 para mais de 4 milhões em 1972, tendo esse crescimento se verificado sobretudo nos últimos vinte anos, depois de ter se mantido estagnado em todo o período da guerra contra o Japão e da Guerra Civil concluída em 1949. Apesar desse crescimento acelerado a China continua a ser, face à elevação do padrão de vida de sua população, um grande importador de açúcar, devendo ser este produto um dos mais importantes no intercâmbio comercial a se iniciar com o nosso país. Observamos também um crescimento muito acelerado no México e no Brasil que multiplicaram a produção 6,7 e 5,6 vezes, respectivamente nos últimos 43 anos, sobretudo no período 1955-72. Este aumento de produção se deve, em grande parte, ao rompimento das relações comerciais entre os Estados Unidos, grandes compradores de açúcar e quem estabelece as cotas de importação, e Cuba, seu principal fornecedor, após a Reforma Agrária implantada por Fidel Castro. Com a distribuição da cota cubana no mercado norte-americano com os países produtores da América Latina, tanto o Brasil como o México, os dois maiores produtores, como o Peru, a República Dominicana, etc. foram beneficiados com uma cota maior de exportação, um mercado certo e preços acima do mercado livre. Daí o crescimento observado naqueles dois países e a redistribuição espacial da produção de açúcar nos mesmos.

A Índia com um crescimento 4,4 vezes, deve o mesmo sobretudo à ampliação do seu mercado interno decorrente do crescimento de sua população, hoje superior a seiscentos milhões de habitantes, enquanto a França e a Austrália, crescendo mais ou menos no mesmo ritmo, 3,4 e 3,3 vezes, são estimuladas pela exportação para os países do Mercado Comum Europeu, no primeiro caso, e para os países do Extremo Oriente, no segundo, onde a melhoria das condições de vida estimula um aumento no consumo do produto. Os Estados Unidos, apesar de haverem incentivado a ampliação da cultura de beterraba, continuam grandes importadores, não havendo conseguido triplicar a sua produção (2,7). Cuba que em 1955 era o maior produtor mundial e a Alemanha que era um dos principais produtores da Europa, tiveram o seu ritmo de crescimento bastante diminuído, pois não conseguiram sequer duplicar a sua produção, tendo um crescimento de, respectivamente, 1,6 e 1,2 vezes a produção de 1939.

O problema cubano deriva de dois fatores: primeiro a perda do mercado americano, embora a União Soviética, apesar de maior produtor mundial de açúcar, adquira quase toda a safra daquele país antilhano, segundo a política de diversificação da produção agrícola que destina áreas outrora ocupadas com a cana-de-açúcar a outros produtos. Deriva também das mudanças políticas e, conseqüentemente da mudança da forma de administração e de apropriação da produção, criando problemas muito graves à agroindústria. (4) O da República Federal Alemã resulta da divisão do país em dois estados, a República Federal da Alemanha e a República Democrática da Alemanha e de perdas de territórios outrora pertencentes a Alemanha como a Prússia Oriental, ou por ela conquistados como a Áustria e a Boemia-Moravia durante a ascensão da aventura nazista e por ela dominados no ano de 1939.

Não devemos esquecer ainda que entre os grandes produtores de açúcar existem países que são essencialmente exporta-

(4) — Gutelman, Michel — L'Agriculture Socialisée à Cuba. François Méspero. Paris, 1967.

dores como o Brasil, Cuba, Austrália e México, enquanto outros produzem substancialmente para o atendimento do mercado interno usando ainda processos primitivos, técnicas tradicionais como a Índia, enquanto um terceiro grupo é formado por países grandes produtores mas cuja produção não atende às necessidades próprias, tornando-os importadores como a União Soviética, os Estados Unidos, a República Popular da China e a própria República Federal da Alemanha.

4. Essas considerações nos levam a pensar na posição do Brasil como país produtor e exportador de açúcar no mercado mundial. Por isto achamos conveniente meditar sobre a Tabela n.º II.

TABELA N.º II

*Produção e Exportação de Açúcar no Brasil — 1940-72*

Ano	Produção(t)	Exportação(t)	% da Exp. na Prod.
1940	1.257.960	66.731	5,3
1945	1.254.600	26.953	2,1
1950	1.403.010	23.550	1,6
1955	2.072.965	573.256	27,7
1960	3.029.410	769.041	25,4
1965	4.660.396	759.979	16,5
1970	5.069.919	1.494.199	29,5
1972	5.925.731	3.123.945	52,7

FONTE: Anuário Estatístico do Brasil — 1941-73.

A análise desta Tabela indica que no período anterior à 1955, a percentagem da produção brasileira de açúcar exporta-

da era muito baixa, destinando-se quase toda a produção ao abastecimento do mercado interno, num período em que a população se encontrava em crescimento acelerado e não tínhamos boas condições de competição no mercado internacional. A partir de 1955 uma série de eventos e uma política exportadora mais agressiva favoreceram o crescimento das exportações brasileiras a ponto de a percentagem exportada atingir mais de 27%, caindo para 16,5% em 1965 e se elevar a mais de 50% em 1972. Hoje o açúcar é o nosso segundo produto de exportação, suplantado apenas pelo café, devendo-se salientar que enquanto o café perde a cada ano a sua importância percentual no valor das exportações brasileiras, o açúcar, ao contrário, tem a sua participação em ascensão.

Várias causas têm contribuído para o crescimento de nossas exportações; entre outras, temos:

1 — A queda da produção de açúcar da Indonésia e de sua participação no comércio internacional do produto após a independência e a longa luta interna contra os holandeses, que se seguiu à dominação japonesa, acompanhada de uma política governamental que procurou diversificar a produção agrícola da ilha de Java a fim de melhor atender às necessidades de alimentação de sua população. Política que indica uma tendência a uma rutura com a orientação colonial mantida durante a dominação e colonização holandesa, que destinava maiores atenções à produção para exportar em detrimento daquela destinada ao atendimento das necessidades da população nativa.

2 — A implantação do sistema socialista em Cuba, após a revolução chefiada por Fidel Castro, que veio contrariar os interesses das empresas norte-americanas proprietárias dos grandes engenhos de açúcar que cancelaram a cota de fornecimento do produto por parte daquele país ao mercado norte-americano. Essa cota, antes destinada à produção cubana, foi distribuída com os demais países produtores latino-americanos, como já salientamos anteriormente, favorecendo consideravelmente ao Brasil.

3 — A expansão da agricultura canavieira em áreas mais favoráveis, sobretudo no Sudeste e no Sul do país, onde se pôde fazer uma agricultura com maior índice de mecanização e obter mais elevada produtividade agrícola com a diminuição dos custos de produção. Esta modernização da agricultura foi acompanhada pela instalação de usinas mais modernas, com maior capacidade de esmagamento de canas e com menor utilização de mão de obra, permitindo ainda a elevação da produtividade industrial. Passou o Brasil a dispor de condições de competitividade que não dispunha anteriormente no mercado mundial, colocando no mesmo um produto mais barato e de melhor qualidade.

4 — A política de comércio exterior mais agressiva desenvolvida pelo Governo Brasileiro nos últimos anos, procurando oferecer incentivos à exportação e, mais recentemente, construindo obras de infra-estrutura que facilitam o escoamento da produção como o Terminal Açucareiro do Recife e a melhoria e ampliação das estradas, dos condutos que ligam as áreas de produção aos portos.

Acreditamos que face à conjuntura favorável ao açúcar no mercado internacional e à modernização e ampliação dos nossos sistemas viários — entre outras medidas a criação dos chamados corredores de exportação —, a tendência ao crescimento da produção e da participação da exportação nesta produção tende a crescer. Não devemos esquecer, porém, que os preços em ascensão no mercado internacional estimularão também os nossos concorrentes a aumentarem a sua produção, podendo a médio prazo concorrer para uma saturação do mesmo e uma consequente queda do preço do produto. Assim, uma política de ampliação do parque açucareiro e de oferta do produto no mercado internacional deve ser feita levando em conta não só as perspectivas a curto como também as perspectivas a médio e a longo prazo.

## II

*A produção de açúcar no Brasil: principais áreas produtoras tradicionais e recentes*

1 — Como já salientamos no capítulo anterior, a produção brasileira de açúcar cresceu consideravelmente nos últimos trinta anos, elevando-se de 1.140.000 para 6.350.000 toneladas. O país que era o quinto produtor mundial nos fins da década de 30, colocando-se abaixo de Cuba, da União Soviética, da Alemanha e dos Estados Unidos, passou para o segundo lugar em 1972, sendo suplantado apenas pela União Soviética. Sua produção que correspondia em 1938 a cerca de 4,1% da produção mundial, passou a corresponder em 1972 a 8,5%, tendo sido multiplicada 5,6 vezes, enquanto a produção mundial foi multiplicada apenas 2,7 vezes.

2 — Ao crescimento da produção, porém, correspondeu uma nova distribuição espacial, levando-nos a admitir a existência de áreas de produção tradicional, isto é, que destinavam grandes porções de seu território à cultura da cana-de-açúcar desde o período colonial como a região da mata do Nordeste Oriental, sobretudo Pernambuco e Alagoas, o Recôncavo Baiano, a planície de Campos no Estado do Rio e pequeno trecho paulista situado na área onde se localiza a cidade de Piracicaba.

Ao observarmos a Tabela n.º I veremos como de 1940 a 1972 a posição dos vários estados sofreu sensíveis modificações, embora nesta tabela tenhamos colocado apenas os seis principais produtores que juntos contribuíram com 88,2% da produção brasileira de 1972.

TABELA N.º I

*Distribuição Geográfica da Produção Brasileira de Açúcar — 1940-72*  
Produção (ton.)

ESTADOS	1940	1945	1950	1955	1960	1965	1970	1972
Pernambuco	374.721	423.898	552.564	592.328	804.411	813.123	863.344	1.125.000
Alagoas	136.044	111.139	131.400	191.448	262.759	321.295	466.183	650.000
Minas Gerais	155.729	53.783	74.519	87.519	121.721	145.378	239.371	270.000
Rio de Janeiro	158.190	231.929	271.370	271.301	398.287	479.283	444.766	572.000
São Paulo	163.498	403.701	562.866	713.533	1.429.218	2.536.581	2.593.769	2.829.000
Paraná	—	20.794	33.627	40.134	74.031	141.256	166.102	156.000

FONTE: Anuário Estatístico do Brasil.

(5) — Andrade, Manuel Correia de — Aspectos Geográficos da Região de Ubá, págs. 53-60. Avulso n.º I da Associação dos Geógrafos Brasileiros. São Paulo, 1961.

A análise desta tabela nos mostra que em 1940 São Paulo se colocava em segundo lugar, com uma produção que correspondia a menos da metade da produção pernambucana e apenas um pouco acima da produção do Rio de Janeiro (3.º colocado) e de Minas Gerais (4.º colocado). O Paraná tinha, então, uma produção inexpressiva. De 1940 a 1945, durante o período da Segunda Guerra Mundial, quando os transportes marítimos foram desorganizados em face dos torpedeamentos dos navios brasileiros, diminuiu o comércio interregional feito por mar, em uma época em que a rede viária não se encontrava ainda organizada. O Nordeste que tinha nos Estados das regiões Sul e Sudeste os seus principais compradores de açúcar, viu-se em situação difícil para colocar o seu produto no mercado; nessa mesma ocasião os paulistas desenvolveram a cultura da cana-de-açúcar, fundaram novas usinas a fim de conseguirem este mercado. Além da vantagem da proximidade, que tornava os fretes mais baratos, havia o fato de serem as indústrias paulistas, novas, utilizando maquinaria moderna, podendo obter maior produtividade industrial e, conseqüentemente, um produto por mais baixo custo. Os industriais nordestinos não tiveram poder de pressão para evitar o crescimento da indústria paulista que em 1950 já ultrapassara a pernambucana; nossa indústria açucareira sobreviveu graças à intervenção do Instituto do Açúcar e do Alcool, criado pelo Governo Federal, que fizera, antes da Grande Guerra, a distribuição da produção nacional por cotas.

Em menor escala que a paulista, houve também um ponderável crescimento, no período 1940-45, da produção fluminense e uma queda considerável da mineira, ligada à produção tradicional de açúcar mascavo e de rapadura, apesar de possuir várias usinas na zona na mata, instaladas com capital francês e localizadas no município de Visconde do Rio Branco. (5) O Paraná aparece com uma produção modesta de cerca de 20.000 toneladas de açúcar.

Em 1950, além da elevação de São Paulo à categoria de Estado maior produtor, embora com pequena diferença para o segundo colocado, Pernambuco, observa-se uma continuação do crescimento acelerado da produção fluminense e paranaense e uma retomada modesta do crescimento das produções alagoana e mineira.

Em 1955 a supremacia paulista estava consolidada e a sua produção começava a se distanciar inda mais da pernambucana; o Rio de Janeiro apresentava um crescimento superior a 25% e os demais estados grandes produtores apresentavam pequeno crescimento.

O quinquênio seguinte foi de grande crescimento da produção açucareira incentivado por um aumento da demanda no mercado externo e pela euforia desenvolvimentista que correspondeu ao período de crescimento de nossa indústria de base, da construção de Brasília e da abertura de grandes rodovias ligando a São Paulo quase todo o território nacional. O Brasil passava, então, da fase em que seu território era formado por várias bacias urbanas, dependentes de portos exportadores, para a fase de integração continental em torno de um polo nacional. (6) Em 1960, São Paulo apresentava uma produção que correspondia a quase duas vezes a pernambucana (2.º colocada) e esta duas vezes a fluminense que ocupava o terceiro lugar. A produção alagoana, em quarto lugar, aproximava-se das trezentas mil toneladas.

Apesar das dificuldades econômicas que o Brasil atravessou no quinquênio 1960-65, o crescimento de nossa produção de açúcar foi considerável, face à abertura do mercado americano à nossa produção em consequência do rompimento dos Estados Unidos com Cuba. As facilidades de comunicação e de transporte consequentes da abertura de grandes rodovias, levaram o açúcar branco, cristal, a penetrar no mercado sertanejo, tradicional consumidor de rapadura, provocando a decadência dos

(6) — Andrade, Manuel Correia de — Espaço Polarização e Desenvolvimento. 3a. edição, págs. 68-94. Editora Brasiliense S. A. São Paulo, 1973.

pequenos engenhos rapadureiros e de engenhocas de importância local. É impressionante como este crescimento beneficiou a indústria açucareira, sobretudo de São Paulo, que ultrapassou os dois milhões e quinhentas mil toneladas, produzindo sozinho mais do que os outros grandes produtores reunidos; a produção de Pernambuco ficou quase estacionária em relação à produção de 1960, enquanto o Rio de Janeiro e Alagoas tiveram um ponderável crescimento, o Paraná praticamente dobrou a sua produção e Minas Gerais teve um crescimento menos acelerado.

No quinquênio seguinte se observa um modesto crescimento nas produções paulista e pernambucana em face ao ponderável crescimento da produção alagoana e mineira, de um modesto crescimento da produção paranaense e de uma pequena queda na produção fluminense. A produção de Alagoas vinha, desde os anos 50, se beneficiando da agregação de novas terras situadas nos tabuleiros e até então cobertas de mata. Por serem consideradas pouco férteis essas terras foram deixadas cobertas pela vegetação natural, apesar de localizadas nos interflúvios dos rios açucareiros e próximas ao litoral, até que o uso de adubos e a necessidade de mecanização face às tensões sociais que se acentuaram na década 1951-60, levaram os proprietários a utilizá-las em grande escala. Em menos de uma década as extensas áreas planas e cobertas de florestas foram desmatadas e transformadas em canaviais. (7) Em virtude da pobreza em matéria orgânica desses solos de tabuleiro, viram-se os usineiros, mais progressistas estimulados a usar a calda das destilarias, a tiborna, antes lançada aos rios como resíduo imprestável, como adubo orgânico. Este uso traria uma dupla vantagem, diminuiria a poluição dos rios, estimulando o desenvolvimento da piscicultura e aproveitaria um adubo caro e de grande valor para a recuperação dos solos.

No curto período de dois anos — 1970-72 — observa-se um novo alento no crescimento paulista de cerca de mais de

(7) — Andrade, Manuel Correia de — A Terra e o Homem no Nordeste. 3a. edição, págs. 109-139. Editora Brasiliense S. A. São Paulo, 1974.

4% ao ano, ao lado de um grande crescimento da produção pernambucana, acompanhada da alagoana, da fluminense e da mineira. Há um pequeno decréscimo na produção paranaense, embora grandes áreas do Norte do Paraná, outrora ocupadas com o café, já estejam ocupadas com a cana-de-açúcar.

3 — Convém salientar, porém, que o estímulo ao crescimento da produção açucareira não vem se fazendo somente nestes estados que classificamos como grandes produtores, mas também em outros que possuíam pequena produção de açúcar, quase sempre mascavo ou em forma de rapadura e que hoje obtêm cotas, ampliam a produção e se habilitam não só ao auto-abastecimento do produto como talvez até à exportação. O mapa anexo, publicado pelo Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-Açúcar, em seu relatório anual de 1972, oferece uma indicação das manchas ocupadas por essa gramínea e dá uma idéia da difusão de sua cultura no território nacional.

Assim, a maior mancha de produção ocupa uma grande área do Estado de São Paulo onde se situam, entre outras, as cidades de Araras e Anhembi e se expande pelo Norte do Paraná. A segunda mancha localiza-se no Nordeste ocupando praticamente toda a região da mata de Pernambuco e de Alagoas, estendendo-se ainda pelos territórios da Paraíba e de Sergipe. Na Paraíba e no Rio Grande do Norte, em face da grande extensão de tabuleiros com solos silicosos, a cana-de-açúcar domina nas várzeas dos grandes rios (Paraíba, Mamanguape, Trairi e Ceará-Mirim) ou no famoso Brejo. Na Amazônia a cana-de-açúcar já é cultivada no baixo Amazonas, na região próxima a Belém e se encontra em fase de implantação no Amapá onde já existem grandes áreas de cerrado cultivadas experimentalmente, embora a usina ainda não haja sido instalada, e na Transamazônica, região de Altamira, é o próprio INCRA quem desenvolve a cultura entre os colonos e pretende instalar uma usina de açúcar. No Maranhão, no Piauí, no Ceará, No Espírito Santo, em Minas Gerais, em Goiás, em Mato Grosso, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, pequenas manchas de cultura indicam a tentativa da cultura de cana para o auto abastecimento em açúcar.

4 — Podemos considerar como produtores tradicionais os estados de Pernambuco, Alagoas, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais, embora se saiba que a cana-de-açúcar é cultivada em todo o território nacional visando ao abastecimento do mercado local desde o período colonial.

A sua cultura foi introduzida no Brasil no primeiro século de colonização, com os primeiros colonizadores, desenvolvendo-se naquelas áreas onde encontrou condições naturais favoráveis e maior facilidade de escoamento para a sua produção. Assim, no século XVI ela se desenvolveu sobretudo na região da Mata de Pernambuco e no Recôncavo Baiano. Nessas áreas a cana-de-açúcar beneficiou-se da existência de um clima quente e úmido com duas estações bem definidas, uma seca e outra chuvosa e de solos oriundos da decomposição do cristalino em Pernambuco e do famoso massapê de terras calcáreas no Recôncavo Baiano. A demanda crescente do mercado europeu, a facilidade de obtenção de mão de obra — escravos negros —, o financiamento por capitais judeus e holandeses e o domínio do selvagem pelo colonizador — em Pernambuco a partir da instalação de Duarte Coelho e na Bahia após a criação do Governo Geral — permitiram a sua implantação e expansão.

No Rio de Janeiro e em Minas Gerais o desenvolvimento da cultura da cana e a instalação de engenhos foi provocado pelo adensamento da população no século XVIII, devido ao ciclo do ouro. São Paulo também teria uma produção açucareira importante no século XIX (8) e Santos, antes de ser considerado o porto do café, foi por vários anos um importante porto exportador de açúcar. (9)

5 — A agroindústria açucareira, dependente do mercado externo, teve período de aceleração e de freagem que se sucederam; toda a segunda metade do século XVI foi de expansão da cana-de-açúcar e de euforia econômica, assim como as três

(8) — Petroni, Maria Teresa — A Lavoura Canavieira em São Paulo. Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1968.  
 (9) — Araújo Filho, José Ribeiro de — Santos, o Porto do Café, pág. 50. Fundação IBGE. Rio de Janeiro, 1972.

primeiras décadas do século XVII. Olinda chegou a ser, por alguns decênios, a principal cidade do continente americano. Depois da expulsão dos holandeses, quando ficamos privados de acesso aos condutos da mercadoria no continente europeu, de vez que os batavos controlavam os canais de comercialização e desenvolveram a cultura da cana na costa da Guiana e nas Antilhas, teve a agroindústria açucareira um longo período de crise, de contração econômica. Nesse período muitos escravos do Nordeste foram vendidos para a área de mineração e muita terra de cana foi ocupada pela cultura do algodão que passava a experimentar, em consequência da Revolução Industrial, grande demanda no mercado europeu. Novo período de euforia se apresentaria no início do século XIX, quando o Príncipe Regente D. João, fugindo às tropas de Napoleão, abandonou o Reino e se refugiou no Brasil. Abrindo os portos às nações amigas quando aqui chegou, nos libertou do monopólio de Lisboa e os nossos produtos passaram a alcançar melhores preços, beneficiando os senhores rurais. Ainda nesse período novas técnicas foram introduzidas como o uso do arado, a queima do bagaço de cana como combustível e a instalação de engenhos a vapor em substituição aos velhos engenhos a tração animal; muito auspiciosa foi ainda a introdução de novas sementes de cana da Guiana Francesa, a chamada Caiana, que veio aumentar a nossa produtividade agrícola.

O ciclo da usina, com a instalação dos engenhos centrais e do sistema de transporte da cana por vias férreas, só iniciaria nos fins do século passado, naquele período que poderíamos chamar de *ciclo de desenvolvimento industrial voltado para o mercado regional*, e que se estendeu mais ou menos de 1880 a 1920, para novamente enfrentar problemas de falta de mercado e de crise econômica nas décadas que se sucederam. No momento atual observa-se que apesar de São Paulo está liderando a produção brasileira de açúcar, contribuindo com mais de um terço da mesma, as regiões tradicionais têm ainda uma grande importância nesta produção e na exportação.

6 — O crescimento da produção açucareira nas áreas novas — São Paulo e Paraná, sobretudo, deu-se, ao contrário do



que ocorreu nas áreas tradicionais, em função do mercado interno, da própria área produtora e das regiões vizinhas.

Analisando-se o caso paulista, observa-se que o Estado teve sempre uma área produtora de açúcar na região de Piracicaba e, mais recentemente, outras, como a formada pela Usina Junqueira no vale do rio Grande, além das áreas próximas a Araras e a Ourinhos. O crescimento da população paulista, a sua expansão pelos estados vizinhos, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Paraná, a elevação dos níveis de renda e, conseqüentemente, do poder de consumo de sua população, ampliaram o mercado existente, dando maior segurança ao crescimento da produção em face de não depender da demanda do mercado externo. Esse crescimento, porém, que se fez de forma acelerada e com a utilização de técnicas modernas e de métodos empresariais, logo ultrapassou a demanda interna e passou a fazer pressão para colocar seus excedentes no mercado internacional. Vinha, assim, disputar o mercado que restava às regiões produtoras tradicionais; hoje, só o excedente exportado por São Paulo equivale à produção de Pernambuco.

O crescimento da produção paulista primeiro tirou ao Nordeste o mercado do Sul e do Sudeste e agora concorre com o mesmo no mercado internacional. Numa fase de grande demanda como a que atravessamos, em que a oferta é inferior à procura, não surgem problemas, mas a elevação dos preços internacionais estimulará a ampliação da produção de outros países e dentro de alguns anos poderá haver nova crise provocada pela superprodução. O Nordeste que está sendo estimulado a aumentar cada vez mais a sua produção, não tendo condições de consumi-la nem de colocá-la no mercado de outras regiões do país, poderá ser atingido por uma grande crise.

7 — A possibilidade de desenvolvimento da agroindústria açucareira na Amazônia e no Centro-Oeste, do ponto de vista ecológico, é muito grande. Com climas quentes e úmidos a cana pode ser cultivada nos solos mais favoráveis, aqueles oriundos da decomposição de rochas vulcânicas ou os das várzeas e, embora deva ser levada à moagem muito hidratada, o que provo-

cará uma baixa produtividade industrial, será compensada pela grande produtividade agrícola. Resta saber se a produção irá crescer apenas na proporção que cresce o consumo regional ou se produzirá excedentes que se canalizarão para o mercado externo. No primeiro caso, as regiões hoje principais produtoras perderão um mercado, mas não terão dentro do próprio país concorrentes a disputar as cotas de exportação e no segundo caso o problema se tornará grave porque além da perda do mercado existente, ocorrerá também a perda na percentagem das cotas destinadas ao mercado externo.

Face a esta problemática somos de parecer que o crescimento da produção açucareira nacional e, dentro deste, a distribuição pelas várias regiões do país, deve ser estudada a fim de que não tenhamos, em futuro próximo, problemas de superprodução, de não termos para onde escoar os nossos excedentes. As grandes vantagens hoje apresentadas, como por exemplo a do mercado chinês, devem ser olhadas com cautela; se a produção chinesa cresceu mais de dez vezes no período 1938-72, poderá continuar a crescer e dentro de alguns anos tornar o país auto-suficiente em açúcar. A Austrália é outro país em que a produção cresceu consideravelmente e tem condições extremamente favoráveis à disputa do mercado externo face a sua pequena população e a proximidade dos países superpovoados do Extremo Oriente. Achamos que a nossa produção deve manter-se em crescimento, que devemos fazer uma política agressiva para a conquista de mercados, procurando para isto obter um açúcar de melhor qualidade e a preços mais baixos, mas não devemos ficar eufóricos com o crescimento da demanda porque ela será freada em médio ou em curto prazo e nós devemos ter condições de não ficar com grandes estoques em depósito, encalhados, nem com grandes fábricas obrigadas a trabalhar com elevada taxa de ociosidade. Um equilíbrio entre o crescimento da produção e as possibilidades de colocação dos excedentes no mercado externo seria o mais racional e o mais viável. Para obtermos este equilíbrio seria interessante que estudássemos tanto as condições ecológicas como as econômico-sociais no zoneamento, na regionalização da produção.

## Conceito de Forma e estrutura literária \*

BENEDITO NUNES

Para abordar este assunto, que parece concentrar a nossa atual perplexidade quanto ao modo de ser e ao destino da literatura, adotamos os três seguintes postulados: a *historicidade*, o *relacionamento da prática e da teoria literárias* e o *vínculo da literatura com o regime do saber*.

Fora da relação extrínseca e episódica do pensamento com a História, como realidade já feita — apanágio do relativismo e do determinismo — aqui entendemos por historicidade o caráter temporal dos nossos conceitos, que a cultura de cada época afeiçoa a um diferente uso. Ninguém dirige o conhecimento como quer. Ao intentarmos o esforço de elaboração teórica, a *cultura implícita* ao período em que vivemos já nos fornece os pressupostos, as regras ou os princípios de interpretação que regulam o uso dos conceitos gerais, e que impõem, de época para época, um limiar temporal ao jogo do pensamento e da linguagem. (1) Submetida a esse jogo, que responde pelos traços de permanência e de mudança no perfil da historicidade, a transmissão das heranças culturais, longe de ser uma simples transferência cumulativa, implica numa retomada do passado pelo presente. A cultura implícita ao presente, funcionando à maneira de uma retícula, assegura às idéias, aos conceitos e às categorias, a sua significação perdurável e o seu diferente uso.

(\*) Este ensaio reformula e amplia as notas que serviram à conferência do autor, sob o mesmo título, no Primeiro Seminário Brasileiro de Crítica e Teoria da Literatura (Recife, outubro 1973).

(1) — “Joga-se um jogo inteiramente diferente nas diferentes épocas. Uma cultura inteira está implícita, pois, nos jogos de linguagem”. Cf. Wittgenstein, *Estética, Psicologia e Religião*, Palestras e Conversações, Preleções sobre Estética, 25-26, Editora Cultrix, São Paulo.